

# Amplio Mar Deserto

(“O POETA DO MAR” — VICENTE DE CARVALHO)

(Fany Luiza Dupré)

Versos memoráveis deixados pelo vate incomparável de ‘eu cantarei de amor tão fortemente’, em estudo suscito nos dá um rápido panorama retrospectivo de toda magnitude emocional, encerrada no silábico das normas pré estabelecidas pelo autor, transmissoras de sonho em pontos altos de poesia.

O encantamento das verdes ondas do amplo mar deserto que se estende ante o olhar contemplativo é a temática preferida.

As ilhotas boiam ao largo, o sol declina no horizonte festivo, a inspiração aflora e o verso desliza suavemente :

*“Cortes pitorescos de afastadas ilhas,  
Abanando no ar seus coqueirais em flor,  
Solidões tranquilas feitas para o beijo,  
Ninhos verdejantes feitos para o amor...”*

O mar é o motivo permanente, é ele que dá ao poeta ensejo de se pronunciar de maneira tão bela.

Era por volta do ano de mil oitocentos e oitenta e dois e um dispositivo legal lhe concede maioridade, pois conta dezesseis e já concluídos os estudos preparatórios.

Entra para a Academia, aquela mesma que vira antes brilharem o espírito condoreiro de Castro Alves, o de Rui inigualável, os inconfundíveis de Nabuco, Pena e Rodrigues Alves.

A sombra das arcadas do velho casarão heróico de pátios fervilhantes de mocidade alvissareira e ruidosa o poeta alcança, sem esforço, a linha de vanguarda. É o talento e a beleza do verso que o impulsionam.

“Gilliat” vem acompanhada do doce murmúrio das ondas e do rugir fragoroso da procela, panoramas conservados na retina, que o poeta de então dezessete anos, havia trazido das praias mui sonhadas do torrão natal.

Atrevidos versos vêm à tona :

*“E êle venceu ! Arcou com o pêso do Infinito.  
E do torvo oceano à funda entranha escura.  
Foi arrancar o prêmio, o tesouro bendito,  
Com que comprasse ao Amor os sonhos de ventura”.*

Denominou “Ardentias” ao livro de estréia, publicado em mil oitocentos e oitenta e cinco, aos dezenove anos, com matizes de Byron e Schiller, influências da época, marcantes na poesia do autor :

*“É noite... Branca e pensativa a lua,  
erra no céu na abobada estrelada,  
e pelos ares tépidos flutua  
o murmúrio da noite sossegada”.*

Nos versos da mocidade o mar é companheiro solicitado e ainda nêles diz :

*“No entanto, basta um pouco  
De vento : o céu se turva, o mar se alteia,  
E sucede ao marulho o grito rouco,  
Dos vagalhões torcendo-se na areia”.*

O poeta estuda, trabalha intensamente à procura de perfeição, refunde os versos e lança o segundo livro, “Relicário”, em mil oitocentos e oitenta e oito.

Modificações na vida, afazeres políticos e administrativos o separam, por algum tempo, da lira querida até que surge, esplendorosa e plena de lirismo “Rosa, Rosa de amor”...

*“Uma vela branca, tôda alvor, se afasta,  
Balançando na onda, palpitando ad vento;  
Ei-la que mergulha pelo firmamento,  
Desdobrado ao longe nos confins do mar...”*

e depois, em Manhãs de Sol :

*“Descuidada e feliz, entre as árvores ela,  
Erra à toa, sorrindo, as aves interpela,  
Corre de flor, salta de moita em moita,  
Ora entre a ramaria o olhar travesso afoita”.*

Mas é em “Poemas e Canções”, de mil novecentos e oito, que o mar agreste se encapela e se agita, a procela estala, o céu escuro, o raio faísca.

Na tenebrosa noite de tormenta, o oceano em turbilhões insanos, bate as altas verde-escuras ondas nos rochedos :

*“Ouço-te, às vezes revoltado e brusco,  
Escondido, fantástico, atirando  
Pela sombra das noites, sem estrêlas,  
A blasfêmia colérica das ondas”.*

As águas se espriam lânguidas e serenas pela areia molhada e nua :

*“E o mar, sob a triste alvura  
Desse lívido sudário,  
Ermo e vago, se afigura  
Mais vago, mais solitário...”*

A montanha circunda a paisagem praiana, banhada de tene sol ameno. É fim de borrasca !...

Assim é “O Poeta do Mar” — VICENTE DE CARVALHO — nascido em mil oitocentos e sessenta e seis nas plagas litorâneas da cidade paulista de Santos e ali falecido no dia vinte e dois de abril do ano de mil novecentos e vinte e quatro.